

A INFLUÊNCIA DA MÍDIA TELEVISIVA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR DE MENINOS E MENINAS DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Paula Vidal dos Santos (IC, Fundação Araucária), (UNESPAR/FECILCAM),
paulavidal_pf9@hotmail.com

Fabiane Freire França (OR), (UNESPAR/FECILCAM), prof.fabianefreire@gmail.com

RESUMO: O presente projeto de Iniciação Científica visa investigar como a educação escolar influencia os sujeitos no que tange a representação do ser masculino e do ser feminino. Sendo assim busca-se responder a seguinte questão: Como a mídia televisiva e a educação-formal contribuem para o culto da imagem padrão do “ser masculino” e do “ser feminino” de meninos e meninas das séries iniciais do ensino fundamental? Para responder a problematização do presente projeto optamos por fazer um levantamento das discussões sobre corpo e sexualidade na literatura brasileira e também em clássicos (Bourdieu, 1995; Louro, 1997; 2007; Weeks, 2007), com o intuito de evidenciar como meninos e meninas são convidados a manter estereótipos acerca de sua identidade corporal, sexual e de gênero. Realizamos observações participativas em uma sala de aula das séries iniciais do ensino fundamental e em um grupo de estudos com 18 educadoras de uma escola municipal de Campo Mourão - PR para investigar suas representações sociais acerca do estereótipo de corpo, gênero e sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: *Educação escolar; Gênero; Sexualidade.*

INTRODUÇÃO

O projeto de Iniciação Científica intitulado – **A influência da mídia televisiva na educação escolar de meninos e meninas das séries iniciais do Ensino Fundamental** - visa investigar como a educação escolar influencia os sujeitos, no que tange a representação do ser masculino e do ser feminino, sendo assim busca-se responder a seguinte questão: **Como a mídia televisiva e a educação-formal contribuem para o culto da imagem padrão do “ser masculino” e do “ser feminino” de meninos e meninas das séries iniciais do ensino fundamental?**

Desde o meu primeiro contato com a educação por meio do estágio remunerado em um Centro de Educação Infantil de Campo Mourão (fev/ 2009 à fev/ 2011) e também no estágio curricular que realizei no 1º ano do curso de Pedagogia (2009), em uma 3ª série do ensino fundamental de uma escola municipal da cidade de Campo Mourão, percebi que desde muito pequena as crianças desenvolvem uma grande preocupação com a aparência e com os estereótipos de gênero impostos pela sociedade, onde a menina deve ser dócil e afetiva e o menino agressivo e racional. O corpo e as representações do feminino e do masculino vêm sendo supervalorizado pelas crianças que estabelecem padrões estéticos e regulamentam a aceitação ou não aceitação de determinado sujeito nos grupos que se formam dentro do próprio ambiente escolar, assim fica evidente que acabamos investindo muito nos corpos, visando se enquadrar nas mais diversas imposições culturais, adequando-se aos critérios estáticos, higiênicos, morais impostos pelo grupo ao qual pertencemos (LOURO, 2007). Estes fatos

presentes nos mais diversos âmbitos sociais está bem marcado dentro do ambiente escolar. Ocorre pelo fato do corpo ser visto pela sociedade como elemento essencial para identificar a identidade do sujeito.

A partir do observado no campo escolar, notamos que a mídia desempenha grande influencia sobre o comportamento dos alunos, pelo fato destes procurarem estar esteticamente parecidos com atrizes e atores de novelas e seriados, vinculados a canais televisivos de grande repercussão nacional. Alunos e alunas procuravam utilizar roupas, calçados, penteados que lembrem uma imagem padronizada pelas ideologias disseminadas pelos meios de comunicação de massa, a ideologia capitalista que padroniza para poder levar o sujeito a necessidade de consumir.

Para responder a problematização proposta, optamos por fazer um levantamento das discussões sobre corpo e sexualidade na literatura brasileira e alguns clássicos de renome internacional (Bourdieu, 1995; Louro, 1997; 2007; Weeks, 2007), com o intuito de evidenciar como meninos e meninas são convidados a manter o padrão do “ser feminino” e do “ser masculino” que envolve estereótipos acerca de sua identidade corporal, sexual e de gênero. Realizamos ainda observações participantes em sala de aula das séries iniciais do ensino fundamental e em um grupo de estudos com 18 educadoras de uma escola municipal de Campo Mourão - PR para investigar suas representações sociais acerca do estereótipo de corpo, gênero e sexualidade.

DISCUSSÕES TEÓRICAS ACERCA DA INFLUENCIA DA MÍDIA E DA EDUCAÇÃO NO CULTO DA IMAGEM DO “SER MASCULINO” E DO “SER FEMININO” NAS SERIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Ao refletirmos acerca do contexto social em que estamos inseridos, percebemos que a mídia, principalmente a televisiva, desempenha papel fundamental na disseminação ideológica sobre o indivíduo. Desta forma, o culto ao corpo e os estereótipos do “ser feminino” e do “ser masculino” nos meios de comunicação ganham espaços cada vez maiores, estabelecendo padrões à grande massa social. Segundo Moran (1995) o vídeo, por exemplo, mexe com todos os sentidos do sujeito e possibilita que este interaja consigo mesmo, com o outro e com o mundo e por isso consegue atingir com maior facilidade a compreensão e assimilação do indivíduo, facilitando o papel de disseminação da ideologia mercadológica. Nas palavras de Moran (1995, p. 27):

O vídeo parte do concreto, do visível, do imediato, próximo, que toca todos os sentidos. Mexe com o corpo, com a pele – nos toca e “tocamos” os outros, estão ao nosso alcance através dos recortes visuais, do close, do som estéreo envolvente. Pelo vídeo sentimos, experienciamos sensorialmente o outro, o mundo, nós mesmos.

Tendo em vista a sociedade capitalista, a qual estamos inseridos, que tem em seus princípios a busca pelo aumento do capital dos donos dos meios de produção, é pertinente evidenciar que este sistema se utiliza dos meios de comunicação de massa, principalmente da mídia televisiva, para disseminar e nos inculcar sua ideologia, pelo fato de que a grande maioria da população em suas horas de “lazer” e descanso se encontram em frente a televisão. Deste modo, utiliza-se a televisão como instrumento ideológico capitalista, atingindo a população em geral e principalmente ao público jovem que passa mais tempo em frente a esta. Nesta direção, França (2008, p. 3) salienta:

A imagem que é comercializada pela TV é principalmente o corpo, seja dos jornalistas, atores ou atrizes, o corpo deve estar impecável. Nota-se o quanto o corpo é trabalhado nos meios de comunicação e como predomina um ideal de corpo ‘perfeito’ sugerido ao público jovem.

A mídia consegue disseminar normas e padrões ao sujeito porque por meio de uma combinação entre visual, sensorial, linguagem falada, escrita e musical prende a atenção do indivíduo atingindo primeiro as esferas emocionais para depois atingir a esfera racional deste, o envolvendo para então disseminar o que, propõe sua ideologia. Moran (1995, p.28), assinala:

As linguagens da TV e do vídeo respondem à sensibilidade dos jovens e da grande maioria da população adulta. São dinâmicas, dirigem-se antes à afetividade do que à razão. O jovem lê o que pode visualizar, precisa ver para compreender.

Ao detectar o culto excessivo da aparência em crianças de idade pré-escolar (2-5 anos), percebi que seria relevante investigar esta questão junto aos meninos e meninas das séries iniciais do ensino fundamental (3º e 4º ano) buscando entender como eles vêem o corpo, qual o papel da estética e das normas sociais sobre o masculino e o feminino nesta fase peculiar da vida, como a mídia ideologicamente se sobrepõe às decisões no que tange a representação de gêneros, e como a estética e a busca por padrões estabelecidos podem alienar o sujeito. As observações realizadas no campo educacional e a observação em um grupo de educadoras me possibilitaram atender o objetivo da pesquisa.

Esta pesquisa foi realizada com o intuito de promover mais discussões sobre o sujeito e a relação que estabelece com seu corpo. De tal modo, promoveu que os sujeitos da pesquisa dialogassem sobre situações que os levam a agir de determinada forma ao que diz respeito à corporeidade, “[...] que se refere a preocupação exagerada que os indivíduos vem nutrendo acerca de corpo, saúde e estética, fazendo surgir novas práticas e intervenções que visam a construção de um corpo e identidade dentro dos padrões culturais estabelecidos” (MOIZÉS, 2010 p. 8). Neste sentido,

objetivamos evidenciar alguns dos discursos sobre o corpo para que os sujeitos possam problematizar sua liberdade de escolha.

Assim sendo, a relevância social deste projeto propõe um olhar crítico para a mídia, a fim de identificar o poder que esta desempenha sobre as nossas decisões, como o corpo é trabalhado por ela e qual a imagem estética e de gênero que está sendo transmitida, com o intuito de contribuir com os indivíduos evidenciando o poder de alienação que estão sujeitos perante o instrumento ideológico chamado mídia.

Portanto, é possível que os alunos e alunas passem a ver a mídia televisiva como um dos meios de reprodução da ideologia capitalista, que incute padrões em que a sociedade deve se enquadrar para não serem apontados como “anormais” - “diferentes”, e que possam superar esta visão alienada que leva ao culto e ao “cuidado” excessivo do corpo, assim como na busca por se enquadrar nas normas de como é ser feminina e ser masculino. Notamos que a idéia de corpolatria está associada a outras questões que envolvem a construção da identidade sexual e de gênero. Na sequência, apresentaremos esta articulação.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Foram realizadas observações participantes em uma escola municipal de Campo Mourão-PR com o intuito de atender ao objetivo do presente projeto, sendo 8 observações de 4 horas diárias, totalizando 32 horas de observação, realizadas entre os dias 02 de agosto de 2011 à 22 de novembro de 2012, e os relatos observados foram anotados em um caderno de campo.

Foi também composto um grupo de estudos com 18 educadoras da escola investigada. Este grupo de estudo, refere-se a um projeto de extensão intitulado “O conceito de gênero produzido por docentes: implicações pedagógicas nas Séries Iniciais do ensino Fundamental” que foi realizado na Faculdade de Ciências e Letras de Campo Mourão pela professora Fabiane Freire França. Com a aceitação do convite por parte das professoras e funcionárias da escola, foram realizadas reuniões no período de agosto de 2011 à novembro de 2011. Neste grupo de estudos a orientadora do projeto fez um paralelo com algumas literaturas, a fim de evidenciar como o gênero, o sexo e a sexualidade são socialmente elaborados e tidos como padrões que geralmente são adotados pela sociedade, homens e mulheres, adultos e crianças são convidados a se enquadrar para não serem marginalizados.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A APLICABILIDADE DO PROJETO

Sabe-se que a discussão de gênero, sexo e sexualidade ainda é encarada com timidez. Poucos são os projetos que voltam seus olhares a esta problemática tão marcada em nossa sociedade e explicitamente reproduzida também na educação-formal, dentro das salas de aula, tanto por alunos e

alunas como também por professores e professoras, que muitas vezes reproduzem de maneira mecânica a ideologia dominante, vinculada principalmente pelos meios de comunicação, que estabelecem padrões a serem seguidos de forma desigual a homens e mulheres. Para tanto, assim como afirma Araujo, Oliveira e Almeida (2009) devemos trabalhar o conceito de corpo associado às discussões de gênero e sexualidade. O corpo não deve ser pensado apenas como um conjunto de sistemas que funcionam coordenadamente proporcionando movimento e sentido, pois o corpo, além disso, é uma construção histórica e social, e a eles são atribuídos significados. Partindo deste pressuposto, apresentarei algumas falas de educadoras, educandos e educandas colhidas na observação participativa realizada em uma Escola Municipal de Campo Mourão-PR, bem como em registros nos debates com as professoras que surgem entre uma fala e outra em um grupo de estudos sobre Gênero, Sexo e Sexualidade: uma perspectiva sócio-cultural.

Durante a observação realizada em uma sala de apoio de alunos da 4^o série do ensino fundamental, dois alunos que aqui serão chamados de F e W (para preservar suas identidades), me chamaram a atenção por apresentar em suas falas, um teor preconceituoso sobre os homossexuais, afirmando que estes são inferiores, marginalizados, e tidos como “anormais” que não se enquadram ao padrão estabelecido socialmente.

Em uma breve conversa que tive com a professora da turma (professora S), juntamente com minha orientadora, esta ressaltou, na frente dos alunos/as uma situação que vivenciou durante a semana, dois alunos (F e W) “disseram que se tivesse um filho assim, é, você sabe” (não mencionou a palavra homossexual, gay) bateriam, o aluno F se recordando do que disse reforçou “eu meto a sinta nele, eu bateria de fivela!” e o aluno W continuou: “eu também bateria”. Esta situação foi problematizada por minha orientadora: “por que você faria isso?” Um deles, aluno F respondeu “para voltar a ser homem, homem igual ao pai, para virar macho ué!”. Dando continuidade à discussão o aluno W disse: “quem sabe se você vai continuar sendo homem, acho que quando você tiver 24 anos vai virar gay, vai sair do armário”. Percebe-se que o aluno W faz analogia entre a idade, 24 anos e o numero do jogo do bicho, que representa o animal Veado. Neste momento a professora interfere e a conversa se finda. Na hora do intervalo os alunos F e W ao nos encontrarem continuam o assunto, o aluno F afirmou “Professora, era brincadeira!” O outro, aluno W, reforçou “Acha que eu bateria no meu filho? Eu espancaria” (e riu).

É perceptível que os alunos F e W reproduzem falas de outras pessoas as quais afirmam que gênero, sexo e sexualidade devem seguir uma sequência ao nascer: ao nascer com genitália feminina, este individuo deve ser mulher, se “comportar” como tal, e ter preferência sexual pelo sexo oposto, padrões que estão inscritos no corpo para que o sujeito possa ser aceito na sociedade a qual estamos

inseridos, mas nem sempre este processo linear tido como “correto” acontece. Louro (2004, p.27) explicita:

[...] os sujeitos, por alguma razão ou circunstância, escapam da norma e provocam uma descontinuidade na sequência sexo/gênero/sexualidade serão tomados como minoria e serão colocados a margem das preocupações de um currículo ou de uma educação que se pretenda para a maioria. Paradoxalmente, esses sujeitos marginalizados continuam necessários, pois servem para circunscrever os contornos daqueles que são normais e que, de fato, se constituem nos sujeitos que importam.

Essa visão, denunciada pela autora, vai ao encontro das falas dos alunos e nos parece preconceituosa em relação ao sujeito que não se enquadra na norma. O sujeito considerado diferente dos padrões do ser feminino e do ser masculino não foram apenas citados nas falas dos alunos. Alguns educadores demonstram estranhamento e resistência ao corpo diferente da forma. Vejamos um relato feito por uma das educadoras, educadora O, dando indícios do que é ser menino e o que é ser menina.

Minha sobrinha ao mesmo tempo que é delicada quer fazer coisa de meninos, jogar futebol essas coisas assim, só falta coça o saco. Menina tem que ser feminina, se comportar igual menina. Minha filha coloquei no balé para aprender a ser menina, como eu queria que ela sentasse de pernas cruzadas e tocasse piano (Anotações do caderno de campo durante o grupo de estudos)

Além desta fala colhida nos debates realizados no curso junto às professoras, pode-se perceber durante as observações que algumas das professoras em suas falas e ações perante aos alunos acabavam por estereotipar ações que são socialmente construídas sobre o gênero masculino e feminino. Durante a aula de psicomotricidade a professora regente ao observar a prática, a todo momento, afirma em seus apontamentos que existem comportamentos ditos femininos e outros ditos masculinos, assim as meninas devem ser mais delicadas, recatadas e comportadas, em suas palavras “o que adianta usar roupa rosa e se comportar como homem?” (Professora O). Bourdieu em A Dominação Masculina (1999) ao discutir sobre a construção social do corpo nos evidencia a reprodução da inferioridade das mulheres perante aos homens, como critério de justificativa desta definição social ao longo dos séculos utiliza-se os órgãos sexuais para afirmar tal diferença construída sobre os gêneros, “a diferença biológica entre os sexos, [...], e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença social construída entre os gêneros [...]” (BOURDIEU, 1999, p.20). Desta forma, além de “inferior” a mulher deve se comportar de maneira distinta a do homem. Vejamos nas palavras de Bourdieu (1999, p. 25) a explicação da construção social de que a mulher deve se comportar de maneira mais recatada que os homens:

A cintura é um dos signos de fechamento do corpo feminino, braços cruzados sobre o peito, pernas unidas, vestes amarradas. Ela simboliza a barreira sagrada que protege a vagina, socialmente construída como objeto sagrado, e portanto

submetido, [...], a regras estrita de esquivança ou acesso, que determinam muito rigorosamente as condições do contato consagrado [...].

Esta mesma visão da diferença social sobre os corpos e gêneros foi explicitamente exposta, em uma das atividades propostas as professoras no curso, que consistia em descrever as qualidades do gênero masculino e feminino. Ao falarem sobre as mulheres, as suas maiores qualidades, representadas pelo grupo de educadoras, estavam em ser sensível, delicada, dedicada, responsável, detalhista, versátil e educada, enquanto os homens foram qualificados como racionais, lógicos e objetivos. Além destes adjetivos que padronizam o ser masculino e o feminino, apresentarei algumas falas colhidas das educadoras que participaram do curso que mostra essa ideia de distinção entre as funções, locais e comportamentos ditos femininos e masculinos: “Fui em um salão de beleza e me deparei com 3 homens fazendo suas unhas junto com a gente [...] nossa eles se depilam! Nossa eu acho isso muito estranho, salão é um lugar muito feminino para ser frequentado por homens.” (Professora E). “Meu filho fazia natação e queria se depilar eu queria morrer, entrei em crise, sofri com isso, fiquei mal, e não pude falar nada pra não sair de preconceituosa, até procurei uma psicóloga do curso de pedagogia pra me ajudar” (Professora E). “Nossa escola só tinha mulher, agora começou a entrar homem no nosso espaço. Agora me acostumei, mas no começo senti que meu espaço estava sendo invadido” (Professora S). “A Tv Globo ta parecendo um zoológico, a gente liga a televisão e já vê a bicharada” (Professora S).

Essas falas evidenciam como a masculinidade e a feminilidade estão inscritas nos corpos de homens e mulheres e quando a lógica é questionada, até mesmo quando vinculada na mídia, causa estranhamento. A sociedade está acostumada a ver uma linearidade entre gênero, sexo e sexualidade, os quais são construídos socialmente assim como as ações ditas “masculinas” e “femininas”. Quando ocorre a descontinuidade do que está estabelecido socialmente os sujeitos tendem a questionar e muitas vezes não aceitar. “Meninas e meninos adquirem características e atribuições aos apreciados papéis femininos e masculinos. São levadas(os) a se identificarem com padrões do que é feminino e masculino para em seguida, melhor realizarem estes papéis” (ARAÚJO, OLIVEIRA, ALMEIDA, 2009, p. 3).

Um fato curioso presenciado durante as observações dentro da sala de recursos, com a professora S, foi durante o desenvolvimento de uma atividade proposta pela professora, que consistia em montar a história da Branca de Neve, a professora cortou as cenas e as falas e os alunos deveriam organizá-las em sequência lógica atrelando imagem com a linguagem escrita, confeccionando um mini-livro.

Percebeu-se durante a atividade uma grande dificuldade do aluno W em realizá-la e ao ser questionado o mesmo respondeu que não conhecia aquela história por isso existia a dificuldade. A

professora surpresa com a situação disse: Como você não conhece essa história? É um clássico todo mundo conhece! Aluno W: “Ué professora não conheço, por que deveria conhecer?” Professora S: “Porque é um clássico, como ninguém trabalhou essas historia com você na educação infantil, todo professor trabalha!” Aluno W: “Ah professora to fora dessa história ai, Branca de Neve é história de menininha!” Professora S: “Por que essa história é de meninas?” Aluno W: “Por que sim, tem princesa, e isso é coisa de menina!” Professora S: “Então qual seria a história de menino?” Aluno W: “Ah história de menino tem ação é Avatar, Corsel, Carros, A casa da Colina ah professora tem várias!”

A mídia, ainda na atualidade, desenvolve filmes voltados a cada publico (masculino e feminino) principalmente os de contos, e filmes animados, na sua grande maioria são conhecidos como “filmes de meninos” e “filmes de meninas”, geralmente os ditos filmes de meninas são aqueles que sua história se desenrola entorno de princesas, e os tidos como de meninos entorno de carros, robôs, lutas entre outros, sempre envolvendo ação. Recentemente surgiram alguns filmes que buscam atrelar novas discussões em suas historias, um exemplo é o Filme: *Shrek*, um conto de fadas que no seu desenrolar apresenta ação e aventura, onde podemos presenciar a princesa com outras características estéticas, e o príncipe representado por um Ogro. Nesta produção não há a distinção do publico alvo entre feminino e masculino. Além disso, aborda a questão de como os padrões de beleza são impostos e incorporados pela sociedade, tornando-se praticamente verdades que necessitam serem seguidas, para que o sujeito não seja visto com estranheza.

Seguindo na fala citada acima, no fato apresentado e nas qualidades atribuídas para ambos os gêneros será que existem atividades masculinas ou atividades femininas que devem ser seguidas? O comportamento é o aspecto fundamental para a definição de sexualidade? A esse respeito vale-nos elencar o que diz o Caderno SECAD 4 (BRASIL, 2007) sobre Gênero e Sexualidade na Escola contrapondo esta visão:

Ao se falar em gênero, não se fala apenas de macho ou fêmea, mas de masculino e feminino, em diversas e dinâmicas masculinidades e feminilidades. Gênero, portanto, remete a construções sociais, históricas, culturais e políticas que dizem respeito a disputas materiais e simbólicas que envolvem os processos de configuração de identidades, definições de papéis e funções sociais, construção e desconstrução de representações e imagens, diferentes determinações de recursos, e de poder e estabelecimento e alteração e hierarquias entre os que são socialmente definidos como *homens e mulheres* e os que é – e o que não é – considerado de homem ou de mulher, nas diferentes sociedades e ao longo do tempo (BRASIL, SECAD/MEC, 2007 p. 16)

Por ser uma construção social, o gênero, carrega consigo inúmeras atribuições impostas e hierarquizadas. O feminino e o masculino estão carregados de estereótipos e imposições a serem seguidas e são esses estereótipos que são percebidos tanto nas falas e nas atitudes dos educadores

quanto na dos alunos e alunas que desde muito cedo buscam se enquadrar nos padrões socialmente estabelecidos que são reforçados a todo momento em casa, na escola e por meio da mídia.

Durante a discussão com o grupo de estudos uma das educadoras salienta que a televisão, o vídeo representam o ser masculino e o ser feminino como se estes fossem seres invariáveis, com perfil único, e identidade pré-determinada. Assim, afirmam existir “papeis” de mulher e “papeis” de homem, e esta padronização vinculada pelos meios de comunicação influi significativamente no comportamento dos telespectadores, principalmente nos pré-adolescentes e adolescentes, por estarem em uma faixa etária de construção da personalidade.

Os meios de comunicação, sejam eles revistas de moda, de beleza, ou programas e propagandas vinculados na televisão, têm grande poder de comunicação, pois usam as imagens associadas a linguagem para comunicar, “[...] utilizam com habilidade as linguagens do mundo, exploram seus potenciais, fazem associações que geram sentido em pouco tempo e espaço” (SILVA, 2011 p.151). Esta dinâmica encontrada nestes meios de comunicação “prende” os indivíduos, que por vezes aceitam padrões de beleza. Furlani (2009, p. 135) complementa:

As imagens estão impregnadas de sentido... As propagandas, através de seus textos, promovem pedagogias do gênero e da sexualidade, ou seja, ensinam sobre, e assim, produzem formas de pensar, de agir, de ser. Ensinam como homens e mulheres devem se relacionar com o mundo e que valores este mundo define como socialmente aceitos para cada gênero. Estes artefatos culturais, ao mostrar determinada representação de mulher e do feminino, sobretudo ao reforçar representações hegemônicas, ao sugerir certos tipos de conduta e de comportamento (excluindo outros), podem estar contribuindo ora para a manutenção, ora para a mudança da sociedade; ora para a regulação, ora para a subversão das regras sociais. Elas explicitam as identidades culturais, assim como as constroem, posicionando os sujeitos de que falam.

Durante as observações na escola notamos que a maioria dos alunos procuravam estar esteticamente “aceitáveis”, buscando adequar os uniformes às vestes da moda. Algumas alunas, ainda na pré - adolescência já com os cabelos tingidos de loiro, utilizavam maquiagens, sombra e *gloss*. Nos dias das aulas de psicomotricidade algumas delas iam à escola de vestido ou saia, outras utilizavam shorts por baixo para participarem das aulas.

Em um momento da aula de apoio uma das alunas (aluna A) estava com uma espinha no canto da boca, seu colega (aluno W) a indaga: “Por que você não espreme essa coisa horrível? Aluna A: “Porque dói!”, W: “Prefiro sentir dor do que ficar com essa coisa na minha cara, é muito feio!”. Momentos depois deste dialogo observei que a aluna A inquieta, ficou o resto da aula tentando esconder a espinha. A aluna até então não havia se incomodado com a espinha e após o aluno W enfatizar que era feio ter espinha, ela se incomoda por não se enquadrar nos estereótipos ditos pelo colega (Anotações do caderno de campo). Este fato observado demonstra como a aparência é utilizada

para a aceitação na sociedade, e como os sujeitos buscam se enquadrar nos padrões impostos em seu convívio, isso ocorre pelo fato do corpo ser visto pela sociedade como elemento essencial para identificar a identidade do sujeito “[...] o corpo é visto como a corte de julgamento final sobre o que somos ou o que podemos nos tornar” (WEEKS, 1995, p. 90 Apud LOURO, 2007 p. 14).

Uma professora relata um fato que pode ser presenciado na escola quanto à adequação dos uniformes a moda e para estarem mais “atraentes”, vejamos:

Professora D: “as meninas da escola usam calcinha fio dental e dobram o cós da calça para ficar mais apertado e mostram que estão usando, colocam camisetas curtíssimas e mostram a barriga” (Anotações do caderno de campo durante as observações do grupo de educadoras).

Meninos e meninas, desde as séries iniciais do ensino fundamental, atualmente evidenciam mais seus corpos. As meninas se apresentam de uma maneira considerada vulgar pelas professoras. Este modo de se vestir sofre grande influência da mídia, principalmente a televisiva, que estipula modas que devem ser seguidas. O programa *Malhação* é um exemplo disso, pois por passar em um horário acessivo, e se tratar de uma escola acaba por ditar e construir padrões do “bela”. Os alunos da *Malhação* usam roupas da moda, as meninas principalmente, pois usam para irem a escola roupas curtas, salto alto, estão sempre bem penteadas e maquiadas. Notamos alguns destes estereótipos em nossas alunas e alunos, sobretudo, as meninas que querem se vestir desta forma para frequentar a escola. Como a escola adota o uniforme elas fazem adaptações nestes para ficarem mais próximas do padrão da “moda”.

Esses fatos relatados mostram indícios do culto ao corpo e correspondem ao que nos evidencia Berge (2002, p.1) que a expressão culto ao corpo vem sendo utilizada para designar um comportamento onde o corpo é tido como o elemento primordial para a definição da identidade, “parece desconcertante atualmente é que o corpo é tomado em si mesmo; há uma espécie de culto ao corpo que ganha cada vez mais importância na vida social. Veste-se o corpo, cuida-se do corpo, constrói-se o corpo [...]”(BERGE, 2002 p. 1-2 apud MAFFESOLI, 1998).

Apesar desta exposição do corpo relatada pela educadora e pelo autor supracitados, é percebido que os alunos e alunas ainda não conhecem o próprio corpo, buscam enquadrá-lo nos padrões estabelecidos socialmente, porém não conhecem como este funciona.

Durante a aula de psicomotricidade uma aluna que sempre desenvolve as práticas esportivas e gosta da aula senta ao nosso lado e se recusa a ir para a quadra, então a professora questiona: Por que você não vai fazer a aula hoje? A menina responde: “Porque estou naqueles dias ‘prof’, é nesses dias mesmo ... to menstruada... e não posso fazer a aula!” A menstruação é vista como algo ruim por esta menina, como algo que impossibilita a mulher de realizar certas atividades. Swain (2009, p. 124) com base nas discussões da antropóloga e filósofa Emily Martin salienta como a menstruação é vista:

[...] a menstruação em vários discursos e culturas é vista como algo sujo e doentio, que exclui as mulheres de certas atividades; a autora analisa porém a menstruação como uma função natural do corpo, representada negativamente no social já que seria o signo do fracasso da procriação, da função primordial atribuída às mulheres, da disciplina social que as atrela a seus corpos. Ao contrário, diz ela, a menstruação é uma vitória do corpo feminino, que escapa ao “destino biológico” da gravidez repetida e incessante, dentro de sistemas patriarcais de controle feminino.

Percebe-se que, assim como diz a filósofa, a menstruação é vista pela aluna como algo que exclui a mulher de algumas atividades cotidianas, como se esta condição biológica feminina atrapalhasse a mulher em seus fazeres diários, trazendo dificuldades ao ser feminino mensalmente. Este fato nos evidencia que ainda muitas das pré-adolescentes e adolescentes, da nossa sociedade, não conhecem seu próprio corpo, suas funções e transformações biológicas, acabando por absorver os “mitos” do senso comum, privando-se de desenvolver suas atividades diárias por falta de conhecimento científico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na atualidade os veículos midiáticos, pelo seu fácil acesso, acabam por servir muitas vezes a disseminação ideológica capitalista. Esta ideologia de consumo e de padrões estéticos, de beleza, atinge toda a sociedade, como também a escola. Notamos que os alunos e alunas observados(as) também acabam por absorver esses ideais, buscando sempre estar dentro dos padrões estabelecidos, aqueles que por algum motivo fogem destas “regras” impostas, são muitas vezes, marginalizados, ridicularizados e insultados pelo próprio grupo ao qual pertencem.

Tanto nas atitudes das alunas e alunos quanto das educadoras foi perceptível que estes padrões ficaram bem demarcados, assim como o culto a imagem do “ser feminino” e do “ser masculino”, imagem esta que padroniza e dita às características que cada gênero deve apresentar, de forma linear entre gênero, sexo e sexualidade, sendo que ao nascer fêmea o sujeito deve ser feminina e se comportar como tal, seguindo os padrões que a sociedade impõe de ser dócil, calma, delicada, educada, sentimental. O mesmo ocorre com o ser masculino e suas características também impostas de machão, forte, viril, entre outras. O sujeito ao quebrar esta linearidade sobre a masculinidade e a feminilidade inscrita nos corpos pelo meio social provoca estranheza, questionamentos e a tendência da sociedade é de não aceitação, agindo muitas vezes de maneira preconceituosa.

Ainda foi possível verificar nas observações e nos debates realizados no curso que os educadores apresentam inúmeras dificuldades em trabalhar com a temática relacionada ao corpo, gênero e sexualidade, por vezes deixando questionamentos de lado por medo de não agir “corretamente”. Pautado nas pesquisas de Louro (2003), Braga (2010), salienta que a escola, por função, deve ser o local da transmissão do conhecimento socialmente elaborado. Também devemos

reconhecer os conhecimentos sobre o corpo, gênero e sexualidade necessários no âmbito escolar, pois ainda hoje ao se tratar de sexualidade a escola se omite apresentando-se como local de ignorância a esse respeito. Isso porque as escolas apresentam grande dificuldade em abordar esta temática, apesar desta instituição não ser a única responsável pelas questões relacionadas ao sexo e a sexualidade. Por esta ser mais uma instância onde circulam os saberes sobre o corpo e a sexualidade, os educadores participam de maneira significativa neste processo com suas convicções e também com seu silêncio. A ausência, por não saber como agir sobre certas problemáticas que surgem dentro do ambiente escolar podem provocar ainda mais estereótipos e preconceitos. Neste sentido um trabalho como este se justifica.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Liliane Batista; OLIVEIRA, Marília Lisboa; ALMEIDA, Aline Maria de Castro. Corpo, Gênero e Sexualidade: um olhar sobre as percepções de adolescentes da periferia de Fortaleza-CE. **Seminário internacional Enlaçando Sexualidades: educação, Saúde, Movimentos Sociais, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos**. Salvador, BA: junho de 2009.

BERGE, Mirela. O culto ao corpo. In: **Corpo e Identidade Feminina**. 2006. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-22112007-150343/>>. Acesso em: 20 de outubro de 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Trad. Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRAGA, Eliane Rose Maio. Gênero, Sexualidade e Educação: questões pertinentes a Pedagogia. In: CARVELHO, E.J.C; FAUSTINO, R.C (Org.). **Educação e Diversidade Cultural**. Maringá, EDUEM, 2010

BRASIL, Secretaria da Educação. **Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Caderno SECAD 4. Brasília, 2007.

FURLANI, Jimena. Representações da mulher e do feminino na mídia impressa brasileira: desconstruindo significados. In: Secretaria do Estado do Paraná. **Sexualidade: Cadernos temáticos da diversidade**. Curitiba, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 7-34.

MOIZÉS, Julieta Seixas. **Educação Sexual, Corpo e Sexualidade na Visão dos Alunos e Professores do Ensino Fundamental**. 2010. Disponível em: www.usp.br acesso em: 04 de jul. de 2011.

MORAN, José Manuel. **O vídeo na sala de aula.** Comunicação e Educação. São Paulo: ECA - Ed Moderna, jan/abr de 1995, p. 27 a 35. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/vidsal.htm>
Acesso em: 10 de mai. de 2010.

SILVA, Ana Cristina Teodoro. **Temporalidades em Imagens de Imprensa:** capas de revistas como signos de olhares contemporâneos. Maringá: Eduem, 2011.

SWAIN, Tania. Os limites do corpo sexuado: diversidade e representação social. In: Secretaria do Estado do Paraná. **Sexualidade:** Cadernos temáticas da diversidade. Curitiba, 2009.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO. G. L. (Org.). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 7-34.